



MARC BLOCH E LUCIEN FEBVRE: O ESTUDO DAS CRENÇAS RELIGIOSAS NA PRIMEIRA GERAÇÃO DE ANNALES

Lucineide Demori Santos (PIBIC-FA-UEM), Solange Ramos de Andrade (Orientadora), e-mail: sramosdeandrade@gmail.com
Universidade Estadual de Maringá / Departamento de História / Maringá, PR.

Ciências Humanas – História – Religiões E Religiosidades.

Palavras-chave: Religiosidades, Historiografia, Escola de Annales.

Resumo:

Tecemos considerações sobre as crenças presentes em *Os Reis Taumaturgos*, editado por Marc Bloch em 1924, e *Martinho Lutero, Um Destino*, editado por Lucien Febvre em 1928. Objetivamos entender a relevância que o tema das religiões e das religiosidades têm para as obras dos fundadores da Escola dos *Annales* e compreender o processo que levou à inovação historiográfica de 1929, firmada pela História Antropológica e Psicológica, que lançou bases para a História das Mentalidades.

Introdução

Marc Bloch e Lucien Febvre, ao iniciarem o movimento historiográfico expresso na fundação da Revista *Anais de História Econômica e Social*, em 1929, partiram da interdisciplinaridade para construir uma historiografia que abrangesse, para além das estruturas políticas e sociais, o constructo mental dos homens das sociedades medievais e modernas europeias, inaugurando nova metodologia. Os objetos identificados em Bloch e Febvre foram o sistema de crenças e as instituições religiosas predominantes, como a religiosidade viva e profunda presente em personalidades como Lutero, e a Igreja Católica com sua concepção de Realeza Sagrada. O Universo das Crenças nas historiografias de Febvre e de Bloch nos levou a entender as mudanças no paradigma da História, marcadamente a partir da fundação da Escola de Annales, e sua influência para a historiografia brasileira. Mudanças estas relacionadas à novas formas de entender as representações culturais, entre as quais crenças, religiões e religiosidades figuram entre as mais contundentes formas de representações expressas pelas sociedades.



Materiais e Métodos

Buscamos entender como a produção historiográfica de Lucien Febvre e Marc Bloch mantém relação com as crenças e instituições religiosas. Analisamos a abordagem que os historiadores trouxeram à História, observando o manejo com o qual Febvre e Bloch levantam as questões inerentes à existência humana e suas representações, construindo uma História a partir de manifestações religiosas, a partir da Antropologia Histórica, História Psicológica.

Elencamos referências que esclarecem o papel de Bloch e Febvre para o momento em que estão combatendo pela identidade da História tais como Jacques Le Goff contribui com o livro *A História Nova*, esclarecendo sobre o intento de Bloch e Febvre que a partir do encontro na Universidade de Estrasburgo trabalharam juntos no rumo de oferecer nova escrita, estabelecendo sentido à continuidade da disciplina. Partindo do pressuposto de que a História é conhecida a partir de quem a escreve, e que muito se conhece do historiador que recorta e escreve um dado histórico, de modo que adentramos também a discussão sobre representações na medida em que pontuamos o grau de definição que as manifestações, enquanto representações coletivas podem identificar o discurso do historiador e o momento histórico que fora por ele recortado (CERTEAU, 1982). Esclarecidas as questões quanto aos métodos historiográficos, a revolução historiográfica francesa, e a par das escolhas de Febvre e Bloch, nossas atividades direcionam-se às manifestações religiosas exploradas nas obras dos dois historiadores fundadores da Escola de Annales, zelando por precisar a importância desse universo de crenças na História Nova. A leitura de Alphonse Dupront oportunizou o estudo sobre crenças à pesquisa historiográfica.

Resultados e discussão

Em *Martinho Lutero, Um destino*, Febvre revela querer capturar na personalidade de Lutero a identidade do homem do século XVI. (FEBVRE, 2012, p. 11) O problema das relações entre indivíduos e coletividade – eis o essencial da História, segundo Lucien Febvre. Para o historiador de Annales o essencial da História são as relações que os indivíduos estabelecem no convívio social.

Marc Bloch, em *Os Reis Taumaturgos*, trabalha com uma História Política, mas também Cultural. Ao contar como se desencadeou o fenômeno da cura miraculosa de escrófulas pelo toque dos reis franceses e ingleses tece considerações sobre a formação política das dinastias detentoras do poder político, porém de uma maneira que o sentimento cultural prevalece como pressuposto dessa edificação. (BLOCH, 1993, p. 87) Nesse ponto,



recorremos a Dupront, que ao escrever sobre a Antropologia Religiosa demarca o limite entre História, Religiosidade e Antropologia, não obstante, cada uma dessas categorias entrelaçarem-se e fazerem parte de um sistema ontológico, no seio do qual a política e a religião são compreendidas enquanto contingências das relações humanas, suas representações. “O religioso exprime o humano quase em sua mais enérgica medida. E o faz – o que interessa à história – através de uma considerável espessura humana, temporal.” (DUPRONT, 1976, p. 83) Dessa forma, Bloch demonstra que a edificação de um fenômeno como o de cura pode ser entendido como substrato do conteúdo mental da época, e não simplesmente como uma artimanha política engendrada de cima para baixo.

Por sua vez, ao elencar um personagem como Martinho Lutero, discorrer sobre sua vida priorizando o conflito interior de um homem que abalou as estruturas religiosas do século XVI, da Europa católica, com uma escrita sensível, profunda, densa, Febvre se dedica a entender o instrumental mental produzido pelo coletivo da sociedade. A escrita de Febvre é uma escrita voltada para o complexo mundo das tônicas psíquicas, que se faz historiografia por apreender a mente do personagem, e a partir desta, obter a leitura sobre a produção mental da sociedade, sem ocultar-se do conteúdo histórico provocado pela tensão das relações intersticiais – meandros da vida que compõem o que chamamos de História.

Marc Bloch ao estudar as sociedades medievais enxertadas pela concepção de realeza sagrada e cristianíssima, e Lucien Febvre ao se dedicar ao monge católico que desencadeou a Reforma Protestante, inauguram um novo paradigma no qual a História é estudada a partir dos elementos “crenças, religiosidades e religião”, com o objetivo de demonstrar que estes sistemas convertem-se em categorias que afiançam o sistema cultural, e que é este sistema cultural que embasa a prática histórica.

Jacques Le Goff esclarece que para Febvre e Bloch impôs-se uma realidade segundo a qual, para que a sobrevivência da História em meio aos avanços das Ciências Sociais pudesse estar garantida, a História teria que ser redimensionada ao ponto de estabelecer uma identidade, e essa identidade deu-se a partir de que os historiadores impulsionaram obras voltadas para um novo objeto, uma nova leitura de documentos, uma centralização na pesquisa antropológica e psicológica, o que caracterizou a História Nova dos fundadores dos *Annales*. (LE GOFF, 1990) A História Nova abre os horizontes para a História das Mentalidades, para a História das Ideias, das representações culturais, que então fixam na historiografia, não somente francesa, mas partindo dessa para abranger o Ocidente, numa explosão de novas pesquisas que abundam o mundo da escrita da história pela década de 1980. (LE GOFF, 1990, p. 26-57) É nesse contexto que ocorre mudanças na historiografia brasileira, proliferando pesquisas na área de Religiões e Religiosidades, Cultura e Mentalidades, especialmente a partir da década de



1980, quando a História das Mentalidades toma fôlego, sob a representação da terceira geração de Annales, atingindo o campo historiográfico brasileiro. Jacqueline Herman esclarece como o fenômeno religioso invadiu o campo da História enquanto objeto privilegiado pelos historiadores a partir de um contexto de ascensão das ciências humanas, que possibilitou o diálogo interdisciplinar entre as mesmas.

Conclusões

Neste estudo procuramos compreender como a História Nova dos pais fundadores da Escola de Annales expandiu-se e alcançou a historiografia brasileira, possibilitando que pesquisas no campo das mentalidades oportunizassem o estudo sobre crenças, religiões e religiosidades.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a professora Solange Ramos de Andrade por orientar-me pacientemente e à Fundação Araucária por subsidiar os estudos. Agradeço aos amigos do Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades e a todos os meus professores da Universidade Estadual de Maringá.

Referências

BLOCH, M. **Os Reis Taumaturgos**: O Caráter Sobrenatural do Poder Régio, França e Inglaterra. Tradução Júlia Mainardi, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DUPRONT, A. A Religião: Antropologia Religiosa. In: LE GOFF, J., NORA, P. **História**: Novas Abordagens (Org.) Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 83-105.

FEBVRE, L. **Martinho Lutero**, Um Destino. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

LE GOFF, J. **A História Nova**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.